

## Dossiê Temático

# Desinformação às avessas: uma reflexão sobre o conceito de desinformação para Olavo de Carvalho

Topsy-turvy disinformation: a reflection on the concept of disinformation for Olavo de Carvalho

Guilherme Queiroz Alves<sup>1</sup> , Tomás Paixão Borges<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro , Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## RESUMO

Pioneiro das modernas *fake news*, Olavo de Carvalho tornou-se uma influência política indispensável para entender o avanço da extrema-direita no Brasil. Dois anos após sua morte, o imaginário paranoico de Olavo continua a influenciar parte importante do debate público brasileiro. Figura polêmica e que atraía uma multidão de pessoas nas redes sociais, suas estratégias argumentativas deixaram um legado importante para os reacionários de direita, ao naturalizarem e construírem um arcabouço linguístico para a utilização de teorias conspiratórias, ataques a personalidades e informações falsas. Neste sentido, compreender o uso do conceito de desinformação na obra de Carvalho é um passo importante para entender o imaginário das novas direitas brasileiras. Tendo isto em vista, o presente trabalho visa analisar a partir da literatura mais recente sobre o tema, a maneira como Olavo compreende e utiliza o conceito de desinformação em suas obras, buscando contrastá-la com sua atuação enquanto ator que promovia a desinformação no cenário brasileiro. De maneira geral, o autor compreendia tal conceito como uma categoria acusatória, natural do marxismo, e que tinha o objetivo de ocultar a verdade da opinião pública e camuflar a desinformação efetiva. Neste sentido, os resultados iniciais da pesquisa apontam que o guru da nova direita inverte a lógica do conceito: quanto mais falamos de desinformação, mais desinformados estamos. Tal fenômeno pode ser designado como uma “desinformação às avessas”.

**Palavras-chave:** Desinformação; Olavo de Carvalho; Paranoia; Negacionismo

## ABSTRACT

As a pioneer of modern fake news, Olavo de Carvalho has become an indispensable political influence in understanding the rise of the far-right in Brazil. Two years after his death, Olavo's paranoid political thought continues to shape a significant part of the Brazilian public discourse. A controversial figure who attracted a large following on social media, his argumentative strategies have left an important

legacy for right-wing reactionaries, normalizing and constructing a linguistic framework for the use of conspiracy theories, personal attacks, and false information. In this sense, understanding the concept of disinformation in Carvalho's work is an important step in comprehending the mindset of the new Brazilian right. With this in mind, the present study aims to analyze how Olavo understands and comprehends disinformation in his works, contrasting it with his role as a promoter of disinformation in the Brazilian context and the most recent literature on the subject. In general, the fascist troll perceives this concept as an accusatory category inherent to Marxism, aimed at concealing the truth from the public and disguising actual disinformation. In this sense, the preliminary research findings indicate that the guru of the new right reverses the logic of the concept: the more we talk about disinformation, the more misinformed we become. This phenomenon can be described as "topsy-turvy disinformation."

**Keywords:** Disinformation; Olavo de Carvalho; Paranoia; Denialism

## 1 INTRODUÇÃO

As notícias falsas, os *clickbaits* e vídeos fora de contexto dominaram a cena política brasileira. Se tais estratégias já existiam desde o início dos anos 2000, as redes sociais facilitaram a propagação da desinformação em uma escala muito maior que no passado. Nos últimos anos, plataformas como o Facebook e o Twitter foram inundadas por postagens com informações descontextualizadas ou falsas, que eram impulsionadas por algoritmos e atingiam milhares de compartilhamentos. Com regras menos rígidas para fiscalização e facilidade de anonimato nas redes, personagens até então pouco conhecidos da política brasileira ganharam popularidade a partir da divulgação de *fake news* e constantes polêmicas. Entre eles, Olavo de Carvalho ocupa um lugar de destaque, tornando-se referência para uma *nova direita brasileira* (Chaloub e Perlatto, 2016; Lynch et al., 2022) que chega ao Palácio do Planalto com o governo Bolsonaro, marcada pela difusão de boatos, notícias falsas e teorias da conspiração, e pela denúncia das informações produzidas pela mídia profissional e pela academia.

Influenciador digital, astrólogo, professor, escritor, jornalista e autodeclarado filósofo, Olavo de Carvalho é uma figura fundamental para compreender o avanço

da desinformação no contexto brasileiro. Pioneiro das modernas *fake news* no Brasil<sup>1</sup>, Olavo já promovia suas ideias em fóruns on-line antes mesmo do surgimento das redes sociais. Ao menos desde 2002, através do site “Mídia Sem Máscara”, Carvalho começa a ganhar destaque entre círculos conservadores do país. Com textos que denunciavam a mídia tradicional e debates como “nazismo de esquerda”, a internet foi se tornando o palco principal do chamado “olavismo”, que ocupou espaços como o Orkut, Youtube e Facebook.

Com o surgimento do “bolsolavismo”, um casamento de ideologias reacionárias da família Bolsonaro com Olavo de Carvalho ele se tornou um verdadeiro “guru político”, influenciando na gestão e indicando alunos para montagem do governo. Diferentes postos do Governo Federal como os ministérios da Economia, Educação e Relações Exteriores foram ocupados por admiradores, alunos, amigos e seguidores de Olavo. Para além de destacar sua influência direta nos arranjos políticos, é preciso mencionar que a utilização das mídias sociais como plataforma de alcance e escala, os apelos urgentes à direita brasileira, o conspiracionismo e a demonização da esquerda pavimentaram um projeto cultural reacionário que parece continuar entre seus seguidores apesar de sua morte.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Há nos diversos materiais produzidos sobre o pensamento político das direitas brasileiras uma infinidade de adjetivos para Olavo de Carvalho. Neoconservador<sup>2</sup>, extremista de direita, fascista, neofascista<sup>3</sup>, tradicionalista<sup>4</sup> são apenas algumas das categorizações oferecidas, que dão ênfase a distintos pontos da obra de Carvalho. No

---

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/an%C3%A1lise-olavo-de-carvalho-o-pioneiro-das-modernas-fake-news-no-brasil/a-60552270>. Acesso em: 23/02/2023

<sup>2</sup><https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/585142-olavo-de-carvalho-o-brasil-so-fala-dele>

<sup>3</sup><https://jacobin.com.br/2022/01/olavo-nao-tinha-razao-mas-tinha-faro/>

<sup>4</sup><https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html>

caso da primeira, por exemplo, destaca-se o caráter antiliberal e polemista do autor, que o aproxima dos neoconservadores norte-americanos. Nas categorias fascizantes, as continuidades e distinções do imaginário do guru das novas direitas e dos movimentos fascistas da década de 1930, sobretudo na importância da dimensão moral e ética, no seu caráter anti-institucional e no anti-comunismo redivisivo. No tradicionalismo, a influência das obras de Guénon e Schuon e o diagnóstico de decadência do mundo moderno no pensamento político de Carvalho.

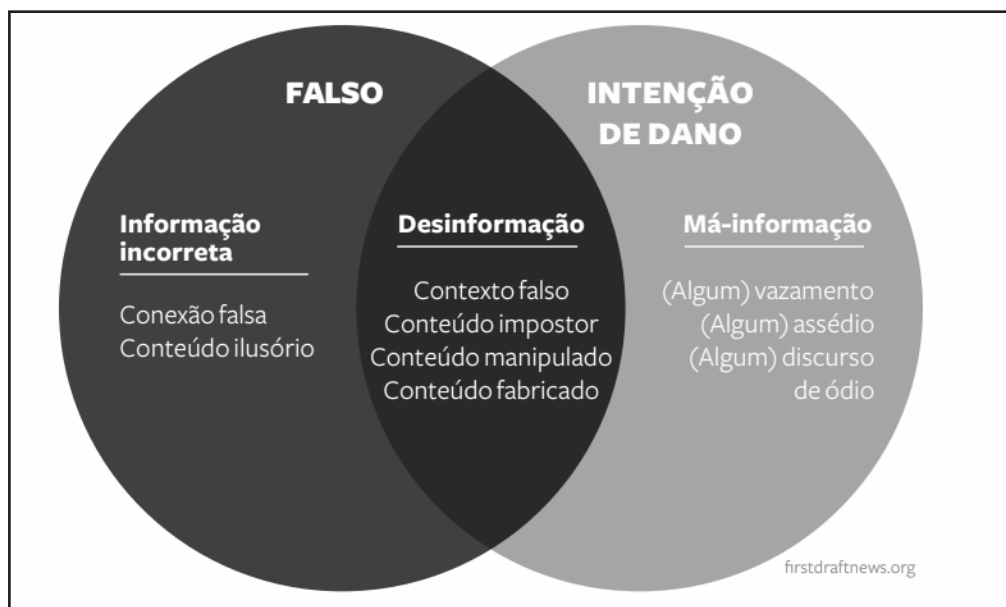
Uma categoria mais recente, entretanto, tem a capacidade de destacar a introdução de novas dinâmicas comunicacionais no pensamento conservador de Olavo: o fascismo troll (Cesarino, 2019; Lynch *et al.* 2022). De maneira geral, o fascismo troll se estrutura a partir das novas estratégias utilizadas pela nova direita para manter uma militância política radicalizada e ativa, através de uma linguagem memética. Tendo na figura de Steve Bannon um lócus de seu espalhamento pelo mundo, ele promove a intimidação de seus opositores através de um bombardeamento diário de boatos catastróficos, ridicularizações públicas e desenvolvimento de uma linguagem voltada para seus iniciados. Para Lynch *et al.* (2022, p.156) o traço distintivo de Olavo de Carvalho e outros reacionários da nova Direita, sob esta chave, seria sua atuação nas mídias sociais com o objetivo de manter o público “encapsulado em uma realidade paralela, marcada pela paranoia, pelo ódio, e pelo medo, alimentada diariamente pela difusão de boatos, notícias falsas e teorias da conspiração, e pela denúncia das informações produzidas pela mídia profissional e pela academia como mentirosas e falsificadas”.

Neste sentido, a utilização de estratégias de desinformação é um elemento central para compreender o imaginário dos fascistas trolls. Se, por um lado, isto é unânime entre os pesquisadores da nova direita brasileira, poucos estudos conectam tal diagnóstico com a literatura internacional sobre a desinformação. A afirmação de existência de *fake news*, conspirações e discurso de ódio na atuação pública de reacionários como Olavo de Carvalho deveria ser acompanhada pela reflexão sobre

uma série de questões: Qual seria a relação entre a desordem informacional, as teorias da conspiração e a mentalidade negacionista em sua obra? Há diferentes tipos de desinformação? Quais estratégias são mais comuns e em que situações são utilizadas? Responder tais questionamentos oferece um quadro novo para entender o emprego do conceito de desinformação pela nova direita brasileira.

A grade conceitual desenvolvida por Claire Wardle e Hossein Derakshan (2017) é um passo importante nesta empreitada. Na obra, os autores identificam algumas características da desordem da informação e situam as teorias da conspiração e a mentalidade negacionista no que os autores chamam de desinformação. Em sua proposta metodológica-conceitual, os autores apontam que as diferentes manifestações da informação estariam enquadradas dentro de três grandes categorias: *misinformation* (informação incorreta), *disinformation* (desinformação) e *malinformation* (informação maliciosa ou má-informação).

Figura 1 – “Desordem da Informação”



Fonte: FirstDraft, UNESCO, Journalism, 'Fake News' & Disinformation: Handbook for Journalism Education and Training, 2018

Conforme ilustra a figura acima, as três dimensões podem ser classificadas de acordo com a veracidade e a intenção de dano (Santos-D' Amorim, K e Miranda, M. K.

F. O., 2021). *Misinformation* (informação incorreta), por exemplo, descreve conteúdos falsos ou incorretos que são compartilhados pelas pessoas sem intenção de prejudicar o outro. Além disso, outros autores a definem como uma informação imprecisa (Karlova e Fisher, 2013), uma *pseudo*-informação (Kim e Gil de Zuñiga, 2021). É o caso, por exemplo, de sátiras e paródias que não possuem nenhuma intenção de causar dano, mas que possuem potencial para enganar e gerar confusão.

A desinformação (*disinformation*), por outro lado, é um conteúdo intencionalmente falso que é disseminado com a intenção de enganar e prejudicar pessoas, organizações e países. Ela está na interseção entre aquilo que é falso e aquilo que é danoso. Outros autores também apontam a desinformação como o tipo mais perigoso de informação, uma vez que não é algo acidental, mas propositalmente incorreta e transmitida com o intuito de enganar (Fallis, 2014) ou até mesmo como o ato de fornecer de produtos informacionais de baixo nível cultural que seriam responsáveis por imbecilizar os setores sociais (Pinheiro e Brito, 2014, p. 5). Na categoria de desinformação estão presentes as teorias da conspiração, negacionismos, rumores e conteúdos fabricados com intenções que variam desde ganhar dinheiro, gerar confusão informacional, influenciar atitudes e comportamentos políticos, reforçar polarizações ou até mesmo aumentar o cinismo e a desconfiança política (Bennett e Livingston, 2018 *apud* Dourado, 2020; Marwick e Lewis, 2017 *apud* Dourado, 2020)

A última categoria *mal-information* (má-informação ou informação maliciosa) é definida por diferentes autores (Burbules, 1997; Wardle e Derakshan, 2017; Walker, 2019) como uma informação que é baseada na realidade, genuína, mas que é utilizada para impor prejuízos, causar danos e promover o desconforto. É frequentemente associada à publicização de informações de cunho privado e práticas como assédio, discursos de ódio, vazamentos e perseguição. Um exemplo dessa categoria é o uso político de informações sensíveis como relatórios e dados e também o uso inadequado de informações confidenciais como foi o escândalo da *Cambridge Analytica* e *Facebook* que envolveu a compra e utilização de dados com a finalidade de catalogar o perfil das

peças e personalizar conteúdos e materiais favoráveis ao candidato republicano, Donald Trump, além de propagar mensagens contrárias à adversária dele, a democrata Hillary Clinton.

À luz dessa classificação, fenômenos como os negacionismos, teorias da conspiração e produção da ignorância merecem atenção. Diferentes pesquisadores como Naomi Oreskes, Eric M. Conway, Shannon Sullivan, Nancy Tuana e John Cook debruçaram sua atenção buscando identificar padrões e mapear configurações e elementos que compõem essa desordem informacional. De acordo com Cook et al. (2019), há uma variedade de técnicas empregadas para promover o negacionismo e a compreensão dessas técnicas é vista como a principal maneira de combater a desinformação. Elas podem ser utilizadas em conjunto ou de maneira separada, mas tendem a andar juntas sobretudo quando utilizadas na produção de discursos políticos. Dessa forma, os autores simplificam as técnicas no acrônimo FLICC, conforme ilustra a tabela abaixo.

Tabela 1 – Técnicas utilizadas no negacionismo

F - <i>fake experts</i>	A utilização de falsos especialistas como argumento de autoridade.
L - <i>logical fallacies</i>	Falácias lógicas que levam à conclusões falsas.
I - <i>impossible expectations</i>	A exigência de padrões irrealistas de certeza antes de agir com base na ciência.
C - <i>cherry picking</i>	A seleção arbitrária de dados que sustentam uma conclusão desejada ou uma posição argumentativa.
C - <i>conspiracy theories</i>	A proposição de planos secretos ou alternativas secretas entre um grupo de pessoas, geralmente para implementar um esquema malicioso, como conspirar para esconder uma verdade ou perpetuar desinformação.

Fonte: Cook *et.al* (2019, tradução nossa)

Tais estratégias negacionistas estão no centro de uma forma renovada de fazer e pensar a política: o estilo paranoico. Obras como “Conspiracy Theory” de Mark Fenster, “Empire of Conspiracy” de Timothy Melley, “Paranoia Within Reason”

de George Marcus e “The Paranoid Style in American Politics” de Richard Hofstadter são contribuições importantes para este debate, centrando-se nas consequências políticas e razões para o uso constante de rótulos conspiratórios, acusações e medos por parte de atores políticos. De acordo com a literatura existente, há evidências de que o uso e a disseminação de narrativas conspiratórias desempenham um papel significativo em grupos extremistas. Essas narrativas têm o potencial de deslegitimar opiniões contrárias, retratando-as como parte da própria conspiração. Além disso, o estilo paranoico de se fazer política pode aumentar o apelo de ideologias extremistas ao oferecer explicações simplistas e envolventes para eventos complexos. É sob esta lente que Olavo de Carvalho pensa a política. Como veremos a seguir, a trajetória do guru da nova direita pode oferecer *insights* importantes para entender as raízes e adaptações que o estilo paranoico sofre quando adaptado ao contexto brasileiro.

### 3 MÉTODO DE PESQUISA

O presente trabalho busca realizar uma reflexão sobre o conceito de desinformação em publicações de Olavo de Carvalho e sua articulação com o estilo paranoico de fazer política. Neste sentido, a principal metodologia utilizada será a análise documental de fontes primárias, através da leitura dos materiais produzidos por Olavo de Carvalho no tema da desinformação. Para a seleção dos casos, analisamos os títulos e conteúdos de seu website oficial<sup>5</sup>, chegando a 5 textos que falam diretamente sobre o tema: “A desinformação da desinformação”, “Censura e desinformação”, “Desinformação total”, “ABC da desinformação”, “Desinformação colossal” e “O poder do blefe”. O objetivo é entender, através dos textos de Olavo, a maneira como ele compreendia a desinformação e contrastá-los com as narrativas conduzidas por ele nas redes sociais. Ao lado disso, também abordaremos brevemente sua trajetória, enfatizando sua relação conflituosa com a *intelligentsia brasileira* e sua ascensão no mundo digital.

---

<sup>5</sup> Retirado de [www.olavodecarvalho.org](http://www.olavodecarvalho.org)



A relevância da reflexão se dá uma vez que diferentes pesquisas têm apontado o potencial nocivo da desinformação. A desinformação, definida por Wardle (2017) como a produção de notícias falsas com a intenção de enganar, faz parte de um fenômeno amplo, multifacetado e que envolve estratégias maliciosas de deturpação da verdade. Ela se manifesta de diferentes maneiras e pode ser utilizada para construção de narrativas conspiratórias e promover grandes danos. Em pesquisas como as conduzidas por Dourado (2020), é possível, por exemplo, identificar a influência das *fake news* nas Eleições brasileiras de 2018. Sobre esse mesmo tema, Olavo de Carvalho foi uma das pessoas intimadas em agosto de 2021 pela Polícia Federal em inquérito que investigava *fake news* para prestar depoimento sobre a possível existência de uma organização criminosa digital com ataques às instituições democráticas, chamadas milícias digitais.

Além disso, diferentes autores têm apontado para a importância de Olavo de Carvalho para a visão de mundo da nova direita brasileira, reconhecendo-o como um dos intelectuais reacionários mais influentes da história do pensamento brasileiro<sup>6</sup> ao ter influenciado diretamente em arranjos ministeriais e atingido um público muito mais amplo. Compreender o significado que Carvalho oferece à desinformação será um passo importante para entender parte importante de um imaginário político que continuará a existir no país, mesmo após o fim do governo Bolsonaro.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo da vida de Olavo de Carvalho, é possível identificar diferentes fases. Antes mesmo de se projetar no debate político brasileiro, Carvalho teve contato com a Escola Tradicionalista nos anos 1980. De modo simples, ela pode ser classificada como uma corrente de pensadores e estudiosos da religião preocupados com o declínio das formas tradicionais de conhecimento do Ocidente e fortemente influenciadas pelas obras de Frithjof Schuon e René Guénon (Sidgwick, 2004). Em 1986, Olavo de Carvalho

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://disparada.com.br/olavo-de-carvalho-passa-o-olavismo-fica/>. Acesso em 23/02/2023

foi iniciado em uma *tariqa* liderada pelo próprio Schuon (Sheikh Issa Nureddin), definida como uma corrente mística e contemplativa do Islã. Nas palavras de Carvalho, essa *tariqa*, assim como estava presente nos ensinamentos de Guénon e Schuon, rejeitava categoricamente toda noção de “conversão” quando aplicada ao domínio esotérico.

Olavo de Carvalho também teve forte influência da Astrologia e chegou a trabalhar em São Paulo como astrólogo, oferecendo inclusive orientação profissional baseado nos astros. Além disso, foi o fundador da Escola Júpiter de Astrologia<sup>7</sup> e revelou em entrevista à BBC (2016) que “algo na astrologia tem algum fundamento” que apesar de não saber exatamente o quê, classificava esse problema como grande demais para ele, uma espécie de verdade oculta que não poderia ser alcançada.<sup>8</sup> Há uma publicação no seu blog com o título “Um acerto de contas com a astrologia” em que o autor concede uma entrevista à Roberta Tórtora. Respondendo à primeira pergunta sobre como a astrologia contribuiu para sua formação, Olavo (2000, n.p.) não hesita: “Muito. Não existe possibilidade alguma de entendimento de qualquer civilização antiga sem o conhecimento da Astrologia.”<sup>9</sup>

As raízes das ideias de Olavo estão presentes principalmente em sua trilogia “A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci”, “O Jardim das Aflições: De Epicuro à Ressurreição de César – Ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil” e “O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras”, publicados respectivamente em 1994, 1995 e 1996. O primeiro livro compõe-se basicamente de dois ensaios e busca analisar dois autores que teriam influenciado o pensamento brasileiro: Fritjof Capra e Antonio Gramsci, sendo o segundo o mais relevante e principal responsável por apresentar um conjunto de estratégias para que fosse promovida a chamada revolução cultural, que estaria em andamento no país. Na visão de Olavo, Gramsci seria, em suma, o profeta da imbecilidade e o guia de hordas de imbecis para quem a verdade seria a mentira e a mentira a verdade.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/olavo-de-carvalho-dava-orientacao-profissional-com-astrologia> Acesso em: 15/02/2023

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em: 15/02/2023

<sup>9</sup> Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/um-acerto-de-contas-com-a-astrologia/>. Acesso em: 15/02/2023

O título do livro é sugestivo e faz uma alusão também ao conceito de intelectual coletivo, de Antonio Gramsci. Para Olavo de Carvalho, a estratégia de Gramsci acontece de maneira sutil, aparecendo em primeiro lugar na educação e na cultura. Aos poucos, influenciaria gerações sem revelar sua real intenção: promover o socialismo. Há menções diretas ao Partido dos Trabalhadores (PT), que estaria utilizando essa estratégia em busca do poder<sup>10</sup>. Para Olavo, a revolução cultural em curso faria com que a religião perdesse espaço. Em seu argumento, esse seria um dos maiores riscos que uma sociedade poderia tomar, uma vez que o papel central da religião é determinar regras e valores morais comuns para manutenção do convívio harmônico. No seu livro inaugural, Olavo discute os rumos que a política brasileira está tomando, além de atacar personalidades, direcionar xingamentos e marcar o seu posicionamento conspiratório em relação a elementos como o Foro de São Paulo, o PT e às organizações internacionais como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas (ONU).

A partir da gramática olavista e da seleção dos exemplos que constroem seu argumento, já é possível identificar semelhanças em relação às técnicas utilizadas no negacionismo, conforme elucida o modelo FLICC. A suposta existência de uma revolução cultural que minaria os valores da religião e da família, a seleção ideológica e arbitrária de exemplos e as conclusões que se derivam a partir desse raciocínio são todos elementos constitutivos discurso negacionista na obra de Olavo de Carvalho

A capa do primeiro livro já revela elementos de cunho religiosos, os monstros bíblicos Beemote e Leviatã. Ao longo da obra, Olavo realiza analogias aos seres presentes no livro de Jó, na Bíblia Sagrada, para revelar um combate espiritual presente em nossos tempos definidos por um contraste entre poder psíquico e poder material. Por um lado, o Beemote representaria o peso maciço da necessidade natural, enquanto, por outro, o Leviatã seria a infranatureza diabólica, invisível sob

---

<sup>10</sup> O Partido dos Trabalhadores encarnaria o “moderno príncipe de Gramsci”, ou seja, o partido que teria por função a fundação de um novo Estado a partir da direção política e cultural com vistas a construir uma “nova vontade coletiva” (Neres, 2012). O PT, neste sentido, é o elemento capaz de dar unidade e coesão à luta pela construção hegemônica (Puglia, 2018).

as águas, que representaria o mundo psíquico e seria agitado por meio da língua.<sup>11</sup> É importante destacar que, para Olavo, tal interpretação não seria apenas uma alegoria poética, mas uma aplicação radical do simbolismo cristão em nossa sociedade, algo imprescindível para sobreviver diante dos perigos dos tempos atuais.

O segundo livro publicado em 1995 (*O Jardim das Aflições: De Epicuro à ressurreição de César - ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil*) remete ao jardim de Epicuro, filósofo grego do período helenístico. Aqui, Carvalho identifica a raiz da nova ordem que seria caracterizada pela busca de uma realidade fictícia, criada para iludir o homem em uma espécie de culto à felicidade e abandonar o mundo real. O argumento central do autor é que o epicurismo seria apresentado como um verdadeiro disfarce do materialismo e esse processo só seria possível através da abolição da razão e da consciência dos indivíduos. Além disso, a história dos principais eventos ocorridos no mundo é sempre interpretada sob a chave dos planos e manipulações de uma elite intelectual que busca impor sua visão de mundo como verdade. Para Olavo, neste sentido, as técnicas de manipulação seriam “as causas primordiais dos acontecimentos históricos e, no entanto, nossos historiadores continuam a as ignorar” (Carvalho, 2009, p. 52).

Em seu livro, Olavo de Carvalho recorre a recursos como o ocultismo para defender uma agenda populista reacionária com uma visão perenialista, ultramontana, anticomunista e antiprogressista. Aqui, Carvalho bebe na fonte de referências como Octávio de Faria em sua obra “Cristo e César” e René Guénon em “A crise do mundo moderno”, referências selecionadas a dedo para legitimar o argumento de que há uma crise no mundo moderno. A presença dos falsos especialistas e da seleção arbitrária de exemplos é evidente nesse movimento.

É no capítulo final e na conclusão que Olavo de Carvalho faz a ligação do ressurgimento de César e do Império Romano com a situação política e cultural brasileira. Para ele, o país não está isolado do conflito de forças espirituais e ocultas

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-nova-era-e-a-revolucao-cultural-introducao-geral-a-trilogia/>. Acesso em 15/02/2023

que existe no mundo. Nesse sentido, o autor resgata exemplos de como a ruptura com o Espírito Santo acarreta para o homem a perda do domínio da Terra. É nesse cosmos físico, conforme salienta Carvalho (2019), que existe o conflito entre o Leviatã e Beemoth, duas criaturas inconciliáveis e eternamente hostis mencionadas na Bíblia Sagrada.

Além disso, também aparecem na obra de Olavo elementos como a cruz, o *khien* e o *khouden*, sendo os dois últimos símbolos da tradição chinesa usados como ferramentas para desenhar a sua compreensão sobre a cultura ocidental. Um outro elemento que merece destaque em sua escrita é a maçonaria, que exerce um papel central na história espiritual da humanidade pensada por Olavo:

Em primeiro lugar, a religião do Novo Mundo é maçônica. Todos os signatários da Declaração da Independência, sem exceção, pertencem a alguma loja maçônica. Desse momento em diante, ninguém, mas absolutamente ninguém faz carreira política nas três Américas sem ter de entrar para a Maçonaria, prestar satisfações à Maçonaria ou enfrentar a Maçonaria. (Carvalho, 2019, p. 213).

Das críticas ao Estado moderno - que em sua opinião haveria nascido “de uma farsa demoníaca e, fiel à sua vocação de origem, cresceu bebendo o sangue dos inocentes” (Carvalho, 1995, p.207) - a passeios pela história dos impérios, menções a Jesus Cristo e argumentos que envolvem o oculto e o mistério que está por vir. Há na obra de Olavo de Carvalho um conjunto de elementos que variam do céu ao inferno, da vida à morte, e do Jardim das Aflições ao Jardim das Delícias – contrastes que possuem um material denso e cifrado. Aqui, o conspiracionismo é elevado à sua instância máxima e existe um receio de perder de vista o “não-dito”, informações escondidas e encobertas por um véu propositalmente pensado para manipular e desviar o foco dos indivíduos. Através de uma vertente polemista, Olavo de Carvalho também chamou a atenção da academia e de leitores devotos ao publicar em 1996 seu livro “O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras”. No terceiro livro, que

encerra a sua trilogia, o objetivo central é definido já no prefácio: “descrever, mediante exemplos, a extensão e a gravidade de um estado de coisas – atual e brasileiro – do qual a Nova Era dera o alarme e cuja precisa localização no conjunto da evolução das ideias no mundo fora diagnosticada em O Jardim das Aflições” (Carvalho, 2018).

Em artigos como “A dívida dos faraós” e “A Ciência das galinhas pretas”, Olavo de Carvalho ironiza, satiriza, nega fatos históricos consolidados, e reforça posicionamentos anti-progresso. No primeiro artigo o autor aponta que a reparação histórica devido ao racismo é algo absurdo e que, na realidade, ela mesma seria uma prática de racismo e segregação das outras raças. Há aqui uma inversão de lógica que em último nível aponta para a falácia do “racismo reverso” e para o fato de que não deve haver nenhum privilégio ou distinção racial se quisermos pensar em igualdade. No segundo artigo, Olavo menciona que a Sociologia é encantada por ritos, mas que se tivesse que escolher entre Deus e o Ocultismo como matérias de estudo, os sociólogos escolheriam o segundo para fugir do moralismo religioso.

Ademais, o autor realiza em seu livro um movimento de ataque aos “intelocratas” e à *intelligentsia* de esquerda. Os primeiros seriam burocratas da intelectualidade, pareceristas, doutores, acadêmicos e pseudo-intelectuais que abrem e fecham as portas para publicações que guiam o mercado editorial baseados em influências francesas e norte-americanas. Os segundos seriam a classe letrada, obcecada pelo socialismo e com a principal missão de formar o senso comum através dos métodos gramscianos. Por fim, o oculto também não escapou da terceira produção de Olavo e orientou seus principais argumentos de ataque às universidades ao propor um pensamento que chamava de independente.

Acredito, decerto, mas tudo o que é perene não pode se manifestar plenamente nas formas do tempo. As obras do tempo, da história, indicam ou simbolizam a eternidade, mas certamente não podem realizá-la. Por isso, a filosofia perene, tal como a entendo, não pode ser bem expressa na forma de uma doutrina acabada. (...) O importante é, como se diz, não deixar a bola cair, é partir de

novo em busca da unidade cada vez que ela desapareça dos nossos olhos, velada pela confusão do mundo e pelas controvérsias dos doutores (Carvalho, 2018, p. 393).

Nos livros que se seguiram, tais como “O futuro do pensamento brasileiro: Estudos sobre o nosso lugar no mundo”, “Os EUA e a nova ordem mundial”, “O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota”, entre outras mais de trinta obras e participações, Olavo reciclou seus argumentos ao promover o chamado pensamento independente e conquistou uma legião de admiradores e alunos através de suas pregações por autonomia intelectual, combate político e guerra contra a hegemonia cultural de esquerda.

Olavo de Carvalho passou a ensinar filosofia sem jamais ter se formado academicamente nesse campo e produziu cursos digitais, aulas online e orientou-se principalmente a produzir intelectualmente e combater os impostores presentes nas universidades. O autor chegou a alcançar o posto de um dos maiores autores best-sellers do Brasil e explodiu nas redes sociais, abusando de palavrões, agressões, teorias conspiratórias e comentários que endossavam suas críticas às universidades, ao comunismo, ao PT, entre outros. Nota-se que a gramática olavista de combate, decadentismo e boatos catastróficos sempre o acompanhou em suas produções e também no seu estilo paranoico de fazer política no ambiente digital.

Foi por meio dessa base construída por mais de duas décadas e utilizando diversas estratégias de engajamento que, nos anos de 2012 e 2013, em um momento de crise para o Partido de Trabalhadores, Olavo conquista espaços inimagináveis. Por conta dessa visibilidade, Carvalho foi aos poucos marcando presença em discursos e conquistando admiradores no Congresso Brasileiro como o senador Ronaldo Caiado (DEM-GO), o deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP)<sup>12</sup>, Bia Kicis (PRP-DF), Joice

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=v-SX-xLX5nk&ab\\_channel=ParlaTubeBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=v-SX-xLX5nk&ab_channel=ParlaTubeBrasil). Acesso em 15/02/2023

Hasselmann (PSL-SP), Marcel van Hattem (Novo-RS), Carla Zambelli (PSL-SP)<sup>13</sup> e outros diversos representantes.

Apesar da morte de Olavo de Carvalho, muito ainda se discute o legado do autor na propagação de *fake news* e na mentalidade conspiratória entre os grupos de direita no Brasil. Como veremos a seguir, Olavo reconhecia o poder da desinformação, mas ignorava que ele próprio era um disseminador dela. Sob a lógica de sua mentalidade conspiratória, ele distorcia o significado do termo, argumentando que era empregado por pessoas que desejam nos convencer que estamos desinformados e que desejam nos afastar da verdade e do pensamento independente. Neste sentido, o guru da nova direita inverte a lógica do conceito: quanto mais falamos de desinformação, mais desinformados estamos.

Tal inversão fica clara quando comparamos as definições de desinformação na literatura predominante sobre o tema com um dos textos de Olavo. Para os primeiros, ela é um fenômeno de manifestações informacionais que circulam através da internet, podendo ser enganosas, incorretas ou intencionalmente divulgadas para promover a desinformação, causar danos, prejudicar pessoas, influenciar e manipular (Wardle, 2017). Para Olavo de Carvalho, a desinformação seria uma estratégia discursiva a serviço da imbecilização universal, que usa termos como “teoria da conspiração” para encobrir verdades e promover, ela mesma, a desinformação real ou autêntica (Carvalho, 2011).

A desinformação para Olavo é, portanto, uma desinformação às avessas. Este sentido também está presente ao longo dos outros textos escritos pelo autor. Em uma publicação divulgada em seu blog<sup>14</sup> com o título de “Desinformação total”, Olavo de Carvalho enfatiza que o público brasileiro está sendo treinado para não perceber nem as fontes e nem o sentido de suas próprias opiniões. Para ele, a desinformação não seria desinformação se não conseguisse camuflar a sua própria existência, ou seja, há

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802265>. Acesso em 15/02/2023

<sup>14</sup> Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/desinformacao-total/>. Acesso em: 15/02/2023



algo de oculto e perverso nesse movimento: quem fala sobre a desinformação quer fazer com que os indivíduos acreditem que estão desinformados quando, na realidade, eles estão corretos. Na visão de Olavo, essa seria uma estratégia de embotamento da consciência.

O autor continua ao mencionar que nenhum feito da desinformação nacional se comparou à revolta nacionalista contra a ocupação da Amazônia.

Essa ocupação existe, mas o noticiário a respeito é invertido. Quem está metendo as patas na Amazônia são entidades pró-comunistas como o Conselho Mundial de Igrejas, as ONGs indigenistas protegidas pela ONU, etc., cujos objetivos estratégicos no continente são pelo menos tão anti-americanos quanto os das Farc. Jornalistas cúmplices da operação conseguem camuflá-la por meio de arremedos de denúncias que, ressaltando a gravidade da invasão, ocultam a identidade de seus autores, fazendo-os passar por “imperialistas americanos” (Carvalho, 2004, n.p.).

Em outro texto chamado “O poder do blefe”, Olavo de Carvalho aponta para uma exploração da covardia intelectual do público que não é de hoje, mas algo que atravessa a história do cristianismo:

Nosso Senhor ordenou furar o olho que nos scandaliza, e ao longo de vinte séculos os crentes se acostumaram a refugiar-se na autoridade da tradição contra o assédio de pretensos fatos que pareçam desmentir a sua fé. A partir do momento em que a classe dos “intelectuais” tomou o lugar do clero na condução moral e mental das multidões e fez do ódio revolucionário o Ersatz oficial da caridade cristã, nada mais lógico do que ela apelar a um reflexo condicionado que a sedimentação do tempo tornou infalível, ordenando ao público que fure os olhos para não enxergar o que está em todos os noticiários de TV. (Carvalho, 2004, n.p.)

Nota-se que, em ambos os argumentos, a desinformação definida por Olavo de Carvalho seria um movimento para promover a própria desinformação dos indivíduos

e um instrumento discursivo e acusatório a serviço da estratégia esquerdista de dominação continental (Carvalho, 2004). Em outro texto, chamado “A desinformação da desinformação”, Olavo menciona que a categoria é utilizada “para rotular qualquer afirmação que se deseje desmoralizar como inexata ou mentirosa” o que seria, na realidade, uma espécie de “distração para aumentar consideravelmente a eficácia e o poder da autêntica desinformação, transformando a opinião pública num bloco maciço de resistência à verdade e facilitando a montagem de operações de ludíbrio geral” (Carvalho, 2011, n.p.).

Tal argumento fornece uma inversão lógica e um conspiracionismo sem precedentes: a palavra “desinformação” é utilizada para camuflar a desinformação efetiva. Como nota-se em diversos pontos da trajetória de Olavo, o conceito de desinformação também retoma algo oculto e misterioso, que esconderia intenções perversas de enganar e faria com que os indivíduos deixassem de questionar e buscar por conta própria a verdade. Os manipulados aceitariam seus status de desinformados, adotando discursos propagados de uma maneira “obsessiva e onipresente pelos desinformantes de esquerda”, como, por exemplo, a retórica antiamericana. Com esta visão em mente, em 2016, Olavo publicou em sua página no Facebook que “a desinformação não é um instrumento auxiliar do marxismo, mas sim a própria natureza dele”.<sup>15</sup>

Todos os textos mencionados acima apontam uma percepção de que há forças ocultas interessadas em intimidar os indivíduos e ocultá-los de uma verdade, fazendo-os acreditar que estavam desinformados ou propagando teorias da conspiração. Um dos pontos que merecem destaque nessa análise é a compreensão paradoxal de que ao contestar a veracidade das informações propagadas pela grande mídia, Olavo de Carvalho não reconhece a si mesmo como um potencial propagador de fake news. Ao construir uma concepção de mundo que rivaliza o conceito de desinformação com aquele apresentado nesse texto, a estratégia discursiva de Olavo deslegitima as fontes

---

<sup>15</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/609055145913230/>. Acesso em 15/02/2023

tradicionais e o alavanca como um combatente solitário pela restauração de uma verdade que é propositadamente preterida pela grande mídia, universidades e outros grupos sociais com acesso aos veículos ortodoxos de informação.

Entre os diferentes episódios de desinformação, conspiracionismo e negacionismo que Olavo perpetrrou, alguns se destacam e colocam à prova sua própria lógica sobre o conceito. Em texto publicado em 2009 com o título “A mãe de todas as fraudes”, Olavo classificou o aquecimento global como “balela” e um “mal fantasmagórico”.<sup>16</sup> Já em “A evolução da evolução”, publicou que “Não há limites para a burrice, quando é científica”, acusou o pai da física moderna, Isaac Newton, de “espalhar burrice” e chamou a teoria da evolução de Charles Darwin de “tosca” e “confusa”.<sup>17</sup>

Outra fala polêmica do escritor foi a sugestão feita em 2016 para o então deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ). Na ocasião, após o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) tentar cuspir em Bolsonaro na votação do impeachment, Olavo sugeriu que o futuro presidente requeresse à justiça para que o parlamentar fizesse um exame para verificar se sua saliva não transmitia o vírus da Aids. Em comentário adicional no Twitter, Olavo de Carvalho mencionou que, como candidato virtual à presidência, Jair Bolsonaro não deveria expor-se à possibilidade de contrair doença grave.<sup>18</sup> Não apenas a fala de Olavo de Carvalho foi repudiada por instituições como a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia), mas desmentida ao afirmar que a ciência já provou há muito tempo que a saliva não transmite o vírus biológico. Nota-se que, aqui, há a utilização de vários recursos da desordem informacional: a associação entre a Aids e a sua transmissão pela saliva, assim como uma associação oculta e maliciosa entre o vírus da Aids e o deputado à época Jean Wyllys (PSOL-RJ).

Em relação à pandemia, há uma coleção de informações falsas, negacionismos e teorias da conspiração divulgadas por Olavo. Em maio de 2020, também no Twitter, escreveu: “O medo de um suposto vírus mortífero não passa de historinha de terror

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-mae-de-todas-as-fraudes/>. Acesso em 15/02/2023

<sup>17</sup> Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-evolucao-da-evolucao/>. Acesso em 15/02/2023

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em 15/02/2023

---

para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel". Em março do mesmo ano, Olavo chegou a dizer que a pandemia não existia. Pouco tempo depois, em vídeo publicado nas redes sociais, o filósofo compartilhou a informação de que o culpado pelos casos de Covid-19 no país era, na realidade, do empresário norte-americano Bill Gates, com o objetivo de promover a redução populacional. Em abril do mesmo ano, Olavo acusou a China de espalhar o novo coronavírus de propósito.<sup>19</sup> Nota-se que Olavo de Carvalho não apenas resistiu à informação correta, mas também distorce ela por meio de teorias conspiratórias.

A lista não termina e vai desde declarações como "A Pepsi está usando células de fetos abortados como adoçante" a "Não estudei o assunto da terra plana. Só assisti a uns vídeos de experimentos que mostram a planicidade das superfícies aquáticas, e não consegui encontrar, até agora, nada que os refute", todas elas informações divulgadas por meio de suas redes sociais e vídeos que circularam na internet. Se, em janeiro de 2021, Olavo questionava a morte de pessoas em detrimento da COVID-19, chegando a publicar o tweet "Dúvida cruel. O Vírus Mocaronga mata mesmo as pessoas ou só as ajuda a entrar nas estatísticas?".<sup>20</sup>

É possível perceber em cada um desses elementos que o negacionismo, as teorias da conspiração, a desinformação e a radicalidade do discurso de Carvalho apontam para um fazer político centrado na paranoia. Em discursos que variam da presença de algo oculto e uma nova ordem global às agressões diretas nas redes sociais, identifica-se uma utilização deliberada das estratégias e técnicas apresentadas anteriormente. Além disso, também é possível afirmar que o novo significado dado à desinformação endossa argumentos utilizados por grupos extremistas e, em última instância, acarreta na desconfiança da própria ciência. Isto ocorre por ao menos duas razões. Em uma instância, o autor passa a tratar informações disponibilizadas por seus algozes como questionáveis puramente de acordo com quem a emite. De outro

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/relembre-as-vezes-que-olavo-de-carvalho-minimizou-a-pandemia-e-a-covid/>. Acesso em 17/02/2023

<sup>20</sup> Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1345427027881504769>. Acesso em 06/06/2023

lado, a forma paranoica de fazer política é estruturada na construção de um inimigo que age deliberadamente para mentir e manipular mentes. Nesse sentido, não apenas qualquer fonte jornalística ou científica contrária “alinhada à esquerda” (na concepção de mundo de Olavo) é automaticamente inviabilizada, mas deve ser enfrentada a qualquer custo.

A morte de Olavo de Carvalho é muito simbólica ao revelar a maneira como o escritor sustentou a desinformação até o ponto de ser contestado com a verdade de maneira física, íntima e pessoal – espaço onde não há como fugir, fabricar teorias ou negar a realidade. A inversão da lógica da desinformação em seu raciocínio é deletéria, nefasta e paranoica, apontando para uma realidade que é, em última análise, um delírio. Neste lugar, apenas as verdades individuais prevalecem, e os argumentos são limitados às crenças pessoais. Há uma resistência à verdade enunciada e escancarada pelos atores que representam o status quo científico e jornalístico, porque, no fim, a verdade individual será a correta e qualquer tentativa de desmascará-la é lida como um ataque pessoal. Misturando atributos da fé cristã e da moral, Olavo cauteriza as consciências e oferece insumos para uma missão espiritual em busca de uma verdade propositalmente fabricada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ano após sua morte, falas de Olavo de Carvalho estimulando ações radicais contra o comunismo ainda circulam em redes sociais como Tiktok e Instagram. Na primeira rede, em uma breve busca ao seu nome, é possível visualizar uma miríade de hashtags, legendas e comentários com frases como “Olavo tinha razão”, “Olavo vive” e “Saudades mestre”. Através de um de seus vídeos reproduzidos na plataforma, Carvalho enfatiza:

“Me diga o seguinte: quantos grêmios de faculdade vocês tomaram? Nenhum. Quantas redações de jornal vocês tomaram? Nenhuma. Quantos sindicatos vocês tomaram? Nenhum. Quantas igrejas de teologia de libertação vocês

tomaram? Nenhuma. Em suma, vocês deixaram tudo nas mãos dos comunistas, e tudo está nas mãos deles. E eles fazem o que quiserem. Deu pra entender?” (BBC, 2023)

Em entrevista à BBC (2016), Olavo de Carvalho afirmou que sua avó foi profética ao batizá-lo de Olavo que, segundo ele, quer dizer “sobrevivente” em norueguês. Embora Olavo já tenha falecido, inclusive por uma trágica ironia da morte, reflexões sobre a sua influência e sobrevivência permanecem como agenda de pesquisa a ser explorada. O ideal civilizatório de inspiração medievalista<sup>21</sup> perpetrado pelo filósofo e as denúncias de um estado de decadência cultural continua a sobreviver, haja vista as dezenas de discípulos influentes em canais, sites e plataformas de peso, que continuam dando continuidade ao seu papel como agitador e conspirador. Neste sentido, os significados que o autor ofereceu à desinformação continuarão a ser propagados nos próximos anos.

No presente trabalho, em diálogo com a literatura mais recente sobre o tema, buscamos analisar tais sentidos empregados por Olavo, buscando contrastá-los com sua atuação enquanto ator que promovia a desinformação no cenário brasileiro. De maneira geral, o autor compreendia tal conceito como uma categoria acusatória, natural do marxismo, e que tinha o objetivo de ocultar a verdade da opinião pública e camuflar a desinformação efetiva. Neste sentido, os resultados iniciais da pesquisa apontam que o guru da nova direita inverte a lógica do conceito: quanto mais falamos de desinformação, mais desinformados estamos. Tal fenômeno pode ser designado como uma “desinformação às avessas”.

Por fim, abrem-se novos caminhos de investigação a partir deste resultado inicial. Para trabalhos futuros, por exemplo, será interessante analisar como o conceito de desinformação “às avessas” de Olavo de Carvalho tem sido replicado ou desafiado por outros atores da nova direita brasileira. Sob esta mesma chave, analisar a influência

---

<sup>21</sup> Cf. *A utopia reacionária do governo Bolsonaro (2018-2020)*. Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/a-utopia-reacionaria-do-governo-bolsonaro-2018-2020/>. Acesso em 15/02/2023

da mentalidade política paranoica de Olavo de Carvalho nos atos terroristas em 8 de janeiro de 2023 pode trazer novos insights sobre a relação entre o conspiracionismo e atos anti-institucionais.

## REFERÊNCIAS

BBC. **Como Olavo de Carvalho influenciou radicalização bolsonarista que levou ao 8 de janeiro.** jan, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64256711>. Acesso em: 15/02/2023.

BBC. **Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e la-craias.** 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em: 15/02/2023.

BURBULES, N. Struggling with the World Wide Web. **Campus Review**, [S. l.], v. 19, p. 20-22, 1997.

CARVALHO, Olavo de. **A desinformação da desinformação.** Diário do Comércio, 12 de julho de 2011. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-desinformacao-da-desinformacao/>. Acesso em: 15/02/2023.

CARVALHO, Olavo de. **ABC da Desinformação.** Diário do Comércio, 10 de janeiro de 2013. Disponível em <https://olavodecarvalho.org/abc-da-desinformacao/>. Acesso em: 15/02/2023.

CARVALHO, Olavo de. **Censura e desinformação.** 26 de novembro de 2000. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/censura-e-desinformacao/>. Acesso em: 15/02/2023.

CARVALHO, Olavo de. **Desinformação Colossal.** Zero Hora, 11 de julho de 2004. Disponível em <https://olavodecarvalho.org/desinformacao-colossal/>. Acesso em: 15/02/2023.

CARVALHO, Olavo de. **O Imbecil Coletivo:** atualidades inculturais brasileiras. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições – De Epicuro à ressurreição de César:** ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Vide, 2019.

CARVALHO, Olavo de. **O poder do blefe.** O Globo, 24 de abril de 2004. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-poder-do-blefe/>. Acesso em: 15/02/2023.

CARVALHO, Olavo de. **Um acerto de contas com a astrologia.** Junho de 2000. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/um-acerto-de-contas-com-a-astrologia/>. Acesso em: 15/02/2023.

CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.



CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 72, p. 24-41, 2016. Disponível em <http://insightinteligencia.com.br/pdfs/72.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2024.

CONGRESSO EM FOCO. **Afinal, haverá um sucessor de Olavo de Carvalho para os bolsonaristas?** 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/afinal-havera-um-sucessor-de-olavo-de-carvalho-para-os-bolsonaristas/>. Acesso em: 17/02/2023.

COOK, J., SUPRAN, G., LEWANDOWSKY, S., ORESKES, N., & MAIBACH, E. **America Misled: How the fossil fuel industry deliberately misled Americans about climate change**. Fairfax, VA: George Mason University Center for Climate Change Communication, 2019.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. Tese (Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

ESTADÃO. **Olavo de Carvalho dava orientação profissional com astrologia**. 23 nov. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/olavo-de-carvalho-dava-orientacao-profissional-com-astrologia/>. Acesso em: 15/02/2023.

FALLIS, D. A Functional Analysis of Disinformation. In: **iCONFERENCE 2014 Proceedings**. Berlin: University Humboldt, 2014. p. 621-627.

KARLOVA, N.; FISHER, K. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behavior. **Information Research**, Sweden, v. 18, n. 1, 2013.

KIM, J-N e GIL DE ZÚÑIGA, H. Pseudo-information, media, publics, and the failing marketplace of ideas: theory. **American Behavioral Scientist**, [S.l.], v. 65, n. 2, 163–179, 2021.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, João Pessoa, v. 15, n. 6, 2014.

SANTOS-D´AMORIM, K.; MIRANDA, M. K. F. O. Informação incorreta, desinformação e má informação: esclarecendo definições e exemplos em tempos de desinfodemia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 26, p. 01-23, 2021.

THE INTERCEPT. **Um mergulho em Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo**. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/10/28/olavo-de-carvalho-conservadorismo-paranoico/>. Acesso em: 15/02/2023.

WARDLE, Claire. **Fake News: it's complicated**. First Draft, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/>. Acesso em: 12/02/2023

WARDLE, C.; DERAKSHAN, H. **Information disorder: towards an interdisciplinary framework for research and policy-making**. Council of Europe, 2017.



## Contribuição de Autoria

### 1 – Guilherme Queiroz Alves

Mestrado em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP - UERJ).

<https://orcid.org/0000-0002-0775-6834> • [guilhermealves@iesp.uerj.br](mailto:guilhermealves@iesp.uerj.br)

Contribuição: Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição, Validação

### 2 – Tomás Paixão Borges

Mestrando em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP-UERJ)

<https://orcid.org/0000-0002-5276-6636> • [tomasborges@iesp.uerj.br](mailto:tomasborges@iesp.uerj.br)

Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição, Validação

## Como citar este artigo

ALVES, G., & BORGES, T. P. Desinformação às avessas: uma reflexão sobre o conceito de desinformação para Olavo de Carvalho. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 37, e84025, 2024. DOI: 10.5902/2317175884025. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175884025>.